

## **CARTILHA NA ROÇA (1935), DE R. S. FLEURY, NA HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL**

CYNTIA GRIZZO MESSEMBERG (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA).

### **Resumo**

Nesta comunicação, apresentam-se resultados de pesquisa do Programa de Iniciação Científica (bolsa Pibic/CNPq/Unesp) vinculada às linhas de pesquisa: "Alfabetização" e "Ensino de língua portuguesa" do Gphellb – Grupo de pesquisa "História do ensino de língua e literatura no Brasil", e do Piphellb – Projeto Integrado de Pesquisa "História do ensino de língua e literatura no Brasil", ambos coordenados pela professora Maria do Rosário Longo Mortatti. Com o objetivo de contribuir para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil e para a compreensão de um importante momento na história do ensino de leitura e escrita, enfoca-se a proposta para esse ensino apresentada pelo professor Renato Sêneca Fleury (1895–1980), em "Na roça: cartilha rural para alfabetização rápida", destinada, especialmente, a alunos da zona rural e publicada pela Editora Melhoramentos de São Paulo, com 1ª. edição em 1935 e a última, a 133ª., em 1958. Mediante abordagem histórica, centrada em pesquisa documental e bibliográfica, desenvolvida por meio de procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de fontes documentais, analisou-se a configuração textual de Na roça, a qual consiste em focar os diferentes aspectos constitutivos de seu sentido. Concluiu-se que essa cartilha apresenta-se como uma das "concretizações" do método misto, defendido por professores paulistas ao longo do "terceiro momento" da história da alfabetização no Brasil.

### **Palavras-chave:**

Renato Sêneca Fleury, Ensino da leitura, Pesquisa histórica em educação.

### **Introdução**

Neste texto, apresento resultados de pesquisa de Iniciação Científica (bolsa Pibic/CNPq/Unesp) vinculada às linhas "Alfabetização" e "Ensino de língua portuguesa" do Gphellb - Grupo de pesquisa "História do ensino de língua e literatura no Brasil"[1] e do Projeto Integrado de Pesquisa "História do ensino de língua e literatura no Brasil" (Piphellb), ambos coordenados pela Profª. Drª. Maria do Rosário Longo Mortatti.

O Gphellb e o Piphellb estão organizados em torno de tema geral, método de investigação e objetivo geral que são comuns a todas as pesquisas de seus integrantes. O tema geral - ensino de língua e literatura no Brasil - se subdivide em cinco linhas de pesquisa: "Formação de professores"; "Alfabetização"; "Ensino de língua portuguesa"; "Ensino de literatura"; e "Literatura infantil e juvenil". O método de investigação está centrado em abordagem histórica, com análise da configuração textual de fontes documentais, método que consiste em focar:

... o conjunto de aspectos constitutivos de determinado texto, os quais se referem: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê), visando a determinado efeito em determinado

tipo de leitor (para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão. (Mortatti, 2000: 31)

O objetivo geral, por sua vez, consiste em: "... contribuir tanto para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil, que auxilie na busca de soluções para os problemas desse ensino, no presente, quanto para a formação de pesquisadores capazes de desenvolver pesquisas de fundo histórico, que permitam avanços em relação aos campos de conhecimento envolvidos" (Mortatti, 2003: 3).

Como integrante do Gphellb, sob a orientação da professora Maria do Rosário Longo Mortatti, vinculadamente às linhas "Alfabetização" e "Ensino de língua portuguesa", com os objetivos de contribuir para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil e de compreender um importante momento da história do ensino de leitura e escrita, desenvolvi pesquisa de iniciação científica de cujo desenvolvimento resultou o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Pedagogia intitulado *Um estudo sobre Na roça: cartilha rural para alfabetização rápida (1935), de Renato Sêneca Fleury* (Messenberg, 2008a). Nesse TCC apresento resultados da análise da configuração textual da cartilha *Na roça: cartilha rural para alfabetização rápida*[1], com base em pesquisa histórica, centrada em pesquisa documental e bibliográfica, desenvolvida mediante procedimentos de localização, recuperação, reunião, ordenação e análise de fontes documentais *de e sobre Renato Sêneca Fleury*[2] (1895-1980), assim como de bibliografia especializada sobre o tema.

Passo a apresentar, nos tópicos seguintes, os principais resultados da pesquisa, referentes à análise da configuração textual da cartilha.

## 1. Apresentação de Renato Sêneca Fleury

Filho de Antônio Gonzaga Sêneca de Sá Fleury e Thereza Guilhermina Grohmann, Renato Sêneca Fleury nasceu na cidade paulista de Sorocaba, no dia 22 de setembro de 1895. Foi professor, jornalista e escritor e, de acordo com sua sobrinha bisneta, Marta Miquelina Grohmann (2008)[3], Fleury. Aprendeu as primeiras letras com a irmã mais velha. Aos nove anos fundou um pequeno jornal escrito a mão "O Ypiranga". Mais tarde seu jornal foi impresso, tendo curta duração. Era o gosto pelo jornalismo que despontava na infância. Em 1912, diplomou-se pela Escola Normal da Praça da República, na cidade de São Paulo-SP e, segundo informações contidas em nota da cartilha analisada, um ano após a sua formação exerceu o cargo de professor de escola isolada em Piracaia-SP, onde dirigiu grupos escolares e recomendou o método "misto"[1], antes mesmo da publicação da cartilha *Na roça*.

Renato Sêneca Fleury teve intensa atuação no magistério paulista: "[...] foi diretor organizador dos ginásios estaduais de Itu e de Ribeirão Preto, delegado de Ensino em Araraquara, inspetor de Escolas Normais" (Grohmann, 2008), e foi diretor da Escola Normal de São Carlos, segundo informações contidas em *Poliantéia comemorativa do 1º. centenário do Ensino Normal de São Paulo* (1946: 41).

Ainda segundo Grohmann (2008), Fleury: "Ministrou aulas de Psicologia Educacional e Pedagogia na escola de formação profissional de professores primários de Sorocaba. Obteve, por concurso realizado na cidade de São Paulo, esse direito. Teve por examinadores os renomados pedagogos Lourenço Filho, Fernando Azevedo, Antônio Firmino de Proença e Gastão Stang. (Grohmann, 2008).

Em 1929, Fleury "[...] foi empossado como membro da Academia Brasileira de Literatura Infantil" (Grohmann, 2008) e ocupou a cadeira de Monteiro Lobato. Foi

também integrante da Academia Brasileira de Letras de São Paulo e recebeu, em 1959, o primeiro 1º. prêmio Jabuti de literatura infantil.

Mudando-se para São Paulo e, posteriormente, para o Rio de Janeiro, o professor Renato Fleury ampliou suas atividades profissionais. Dedicando-se também a carreira de escritor nas grandes metrópoles, acabou sendo um dos autores da literatura infanto-juvenil que mais publicou em meados do século XX. Apenas pela *Companhia Melhoramentos*, foram mais de sessenta livros editados. (Pinto Junior, 2003: 130, grifos do autor).

Além dessas atividades, Fleury "[...] trabalhou, ao longo de sua vida, em vários jornais na capital. Foi colaborador assíduo do Jornal *Cruzeiro do Sul*, com a coluna 'Histórico do Ensino Paulista - O Ensino Normal'." (Grohmann, 2008).

De acordo com Melo (1954),

... fundou e dirigiu, em Descalvado, [o jornal] "O Progresso" e, em S. Manuel, [o jornal] "A Semana". Na cidade de nascimento, lançou o semanário "Jornal de Sorocaba", sob sua direção. Foi redator da "Revista Nacional" e do "Diário da Noite", de S. Paulo. Escreveu largamente sobre literatura e pedagogia, em revistas e jornais do país. [...] Sua dupla atividade vocacional de escritor e de educador fez que quase toda a sua obra se orientasse no rumo didático e infantil (Melo, 1954: 226).

Ainda segundo Melo (1954: 226), Fleury chefiou o Departamento de Educação de Sorocaba-SP até 1943, quando se aposentou. Faleceu no dia 16 de janeiro do ano de 1980, no Rio de Janeiro, cidade natal de sua segunda esposa[1], Wanda Paracampos.

## **2. Apresentação de *Na Roça*: cartilha rural para alfabetização rápida**

Conforme mencionado, o *corpus* selecionado para a análise da configuração textual, cujos resultados apresento neste texto, foi um exemplar da 25ª. edição de *Na roça*, publicada pela editora Melhoramentos de São Paulo, com 1ª. edição em 1935 e a última, a 133ª., em 1958.

Pelo fato de no exemplar analisado não constar a data de publicação entrei em contato com a editora[2] e não obtive resposta. Fiz, então, uma análise comparativa entre as referências da cartilha que consegui localizar e pude presumir que o exemplar da 133ª. edição da cartilha em questão foi publicado na década de 1940. Por esse motivo, toda vez em que me referir à data provável de edição desse exemplar, utilizarei [194-?].

Com relação à data de publicação da 1ª. edição de *Na roça* encontrei informações distintas. De acordo com a referência que localizei no *site* do Centro de Referência Educacional (CRE) "Mário Covas" a data da 1ª. edição da cartilha é 1935; a informação que localizei no livro *100 anos da Melhoramentos*, de Donato (1990), é que essa cartilha foi publicada em 1936, juntamente com a Série "Na Roça"; porém, como em nota editorial contida no início da cartilha há a informação de que "[...] em outubro de 1934 resolveu o autor divulgar o sistema [...]", presumo que a publicação da 1ª. edição da cartilha data de 1935, conforme consta na referência que localizei no *site* do CRE "Mário Covas".

## 2.1. Aspectos gerais do exemplar analisado

O exemplar da 25<sup>a</sup>. edição, de [194-?], de *Na roça* mede 13 x 17,5 cm, é encadernado em brochura, capa flexível, impressa em papel brilhante e mais resistente do que as páginas internas da cartilha. Na capa predomina a cor verde e as palavras referentes ao nome do autor, título, edição e editora, estão na cor marrom. Há uma ilustração de fundo que representa uma fazenda, com um campo, uma árvore, uma casa e alguns animais como vacas e patos.

Na 3<sup>a</sup>. página da cartilha há um texto introdutório intitulado "Aos snrs. professores", no qual o autor explica que, por se tratar do "método misto" para a alfabetização, as lições são compostas por duas partes, que estão inter-relacionadas e não devem ser estudadas separadamente. O autor, porém, não indica explicitamente o início e o término de cada lição e também não separa sistematicamente a cartilha em partes, mas suponho, de acordo com os conteúdos e a seqüência das letras apresentadas nas lições, que ela foi "dividida" em três partes: a primeira se inicia na 1<sup>a</sup>. lição e termina na 21<sup>a</sup>.; a segunda se inicia na 23<sup>a</sup>. e termina na 41<sup>a</sup>.; e a terceira e última parte se inicia na 43<sup>a</sup>. lição e termina na última, a 58<sup>a</sup>. lição.

Ainda nesse texto, o autor explica brevemente o método utilizado na cartilha, "[...] graças à conjugação da análise e da síntese, em um processo misto que abrange, a um tempo, a sentencição, a palavrção, a silabação e a deletreação, chegamos a um sistema que oferece reais vantagens com proporcionar resultados rápidos e seguros" (Fleury, [194-?]: 5). Apresenta, ainda, sugestões ao professor para o ensino de cada lição em sala de aula, já que, nessas lições, "[...] vão crescendo gradativamente o número de palavras que as compõem [acompanhando o desenvolvimento dos alunos]." (Fleury, [194-?]: 6).

As lições tratam de temas que remetem a aspectos da vida na zona rural e a animais que nela vivem, tais como: boi, galinha e tico-tico (pássaro). Especificamente as lições finais têm como tema central ensinamentos gerais e nacionalistas, tais como: os meses do ano e as datas comemorativas brasileiras, na 51<sup>a</sup>. lição; o nome dos dedos das mãos, na 52<sup>a</sup>. lição; e a bandeira do Brasil, na 57<sup>a</sup>. lição.

## 3. Aspectos da editora de *Na roça*

O coronel Antônio Proost Rodovalho, em 12 de setembro de 1890, foi o responsável pela instalação, "[...] graças a um empréstimo de quinze contos de réis concedido pelo Banco do Brasil [...]" (Hallewell, 2005: 306), da Companhia Melhoramentos em São Paulo, que já tinha a sua sede no Rio de Janeiro e uma grande produção de papel em uma segunda fábrica, em Caieiras.

A empresa, em 26 de julho de 1901, "[...] escolhe Antônio Bernardo Pinto para seu presidente [...] [e dois anos depois] transferiram a sede da Melhoramentos para São Paulo, onde se concentrava dois terços da produção industrial brasileira." (Donato, 1990: 29). A transferência impulsionava a novas aquisições e atividades.

Quando das aquisições da Melhoramentos, no ano de 1906, desenvolvia-se o processo de modernização de outra firma de destaque: a Weiszflog Irmãos. "As duas firmas, Melhoramentos e Weiszflog, figuravam entre aquelas paulistas convidadas a mostrarem, numa grande exposição internacional, o que eram e o que faziam." (Donato, 1990: 41).

Inicialmente a Weiszflog "[...] começou a adquirir ações da Companhia Melhoramentos, fabricante de papel." (Momentos do livro no Brasil, 1998: 76). Em quatro de dezembro de 1920, aconteceu a assembléia geral, "[...] convocada para fundir as empresas. A Melhoramentos deveria incorporar a Weiszflog." (Donato, 1990: 58).

A incorporação foi feita em 1920 e o nome da empresa passou a ser registrado Companhia Melhoramentos de São Paulo - Weiszflog Irmão Incorporada. "A Weiszflog-Melhoramentos seria a primeira a libertar-se da dependência do suprimento externo de papel de imprensa: presumivelmente, foi esse o motivo da fusão." (Hallewell, 2005: 337).

Com a nova direção a empresa cresceu, expandiu-se e acelerou freqüentemente sua produção.

O negócio ganhou nova dinâmica depois de Alfried Weiszflog assumir o controle das fábricas de papel da Melhoramentos, possibilitando a expansão da editora, que em 1928 imprimiu 670 mil exemplares, colocando-se entre as maiores do país. (Momentos do livro no Brasil, 1998: 76).

Ao longo do século XX, a Companhia Melhoramentos de São Paulo atuou no setor gráfico de fabricação de papel e como editora de livros, tendo-se tornado: "[...] um enorme conglomerado, classificado, em 1971, no 145º lugar entre as quinhentas maiores empresas do Brasil." (Hallewell, 2005: 332).

#### **4. Na roça, o "terceiro momento" na história da alfabetização no Brasil e a educação rural**

O ano de publicação da 1ª. edição da cartilha *Na roça*, 1935, relaciona-se com um momento significativo da história do Brasil no que diz respeito às mudanças e decisões que estavam em discussão naquele contexto social e político.

No que se refere ao ensino da leitura e escrita, de acordo com Mortatti (2000: 142), pode-se considerar "[...] o momento histórico compreendido entre, aproximadamente, meados da década de 1920 e meados da década de 1970, como o terceiro momento crucial[1] do ponto de vista da constituição da alfabetização como objeto de estudo".

Mortatti (2000) ressalta que a característica principal desse "terceiro momento crucial" é a "relativização" do método de ensino da leitura pautada no processo de "[...] hegemonização das bases psicológicas do processo de alfabetização" (Mortatti, 2000: 212) proposto e disseminado por Manoel Bergström Lourenço Filho, no livro *Testes ABC: para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita* (1934), que, segundo essa autora, contribuiu para a "fundação de uma nova tradição em alfabetização". Ou seja, a ênfase que permeava as discussões relativas ao ensino da leitura e escrita passa ser sob os aspectos psicológicos (em detrimento dos lingüísticos e pedagógicos) e, dessa maneira, esses dois processos são atrelados "[...] sob a designação mais ampla de 'alfabetização', cujo caráter instrumental e funcional é destacado, relativamente ao ideário liberal de democratização da cultura e da participação social". (Mortatti, 2000: 144).

Nesse momento histórico, havia aqueles que, diante do significativo número de analfabetos, buscavam propor um novo método para o ensino da leitura e da escrita que proporcionasse resultados mais rápidos e imediatos em relação aos "métodos tradicionais". Isso ocasionou uma dispersão das disputas anteriores em torno dos métodos de alfabetização.

Entrando em cena outros sujeitos, que se apresentam como "educadores profissionais" e propõem soluções "técnicas" para os problemas educacionais, diluem-se as bandeiras de luta relativas à alfabetização características dos dois momentos anteriores. Embora o método analítico continue a ser considerado o "melhor" e "mais científico", sua defesa apaixonada e ostensiva vai-se diluindo, à medida que se vai secundarizando a própria questão dos métodos de alfabetização, em favor dos novos fins, para a consecução dos quais, se respeitadas tanto a maturidade individual necessária na criança quanto a necessidade de rendimento e eficiência, podem ser utilizados outros métodos, em especial o método analítico-sintético - misto ou "ecclético" -, e se obterem resultados satisfatórios. (Mortatti, 2000: 145).

#### **4.2 Na roça e a educação rural**

Além das disputas relativas ao método de alfabetização mais adequado para o ensino de leitura e escrita, ocorriam movimentos políticos que afetavam diretamente as estruturas sociais do país e que foram responsáveis por significativas modificações na base estrutural da sociedade, inclusive aquela referente ao ensino[2].

Com a instalação do capitalismo e conseqüente industrialização, houve um aumento significativo do número de pessoas que saíam do campo em busca de melhores oportunidades na cidade. Por esse motivo, acentuou-se a preocupação dos ruralistas, que defendiam que o Brasil tinha condições geográficas para tornar as atividades agrícolas como principais para gerar as riquezas ao país, ou aquilo que Mendonça (1997: 25) denominou "*vocação eminentemente agrícola do país*" (grifos da autora). Esses defensores acreditavam que a melhor maneira para efetivar essa linha de pensamento era por meio da educação.

Com objetivo de "romper a tradição e adaptar a educação", "[...] a ruralização do ensino significou [...] a colaboração da escola na tarefa de formar a mentalidade de acordo com as características da ideologia do 'Brasil-país-essencialmente-agrícola', o que importava, também, em operar como instrumento de fixação do homem no campo." (Nagle, 1974: 234).

As escolas rurais passaram a ser, então, meios de propagar o sentimento nacionalista do país, uma vez que na década de 1920 "[...] começa a se operar uma mudança que deve ser ressaltada: a tendência é substituir o conteúdo 'patriótico', puramente sentimental e de teor idealista de nacionalismo por um outro conteúdo que se baseia mais no 'conhecimento' que se deve ter da terra e da gente brasileira." (Nagle, 1974: 232).

De acordo com Silva (1957: 15), a educação rural "[...] consiste em orientar as populações das zonas rurais no sentido da formação adequada ou conveniente às mesmas, vinculando-as ao meio e levando-as a reagir de modo eficiente sobre este."

... a escola primária de zona rural, na qualidade de primária tem, necessariamente, as mesmas finalidades de nossa escola comum desse grau, sendo sua função precípua, a educação integral. Cabe-

lhe, outrossim, oferecer ensino que responda às necessidades e às características da vida regional, a fim de adaptar o indivíduo às realidades locais e fixá-lo ao meio, capacitando-o a reagir vigorosamente sobre o mesmo. (Silva, 1957: 32).

A cartilha *Na roça* apresenta algumas características pontuais que fazem menção a esse "teor idealista", pois, como informei, na cartilha há lições cujos temas são característicos da vida rural. Além disso, a partir da terceira parte da cartilha são apresentadas lições de caráter explicitamente nacionalista, como, por exemplo: a 58ª. lição intitulada "Nossa terra", cujas sentenças qualificam o país e informam como cooperar para seu desenvolvimento.

### **Considerações finais**

Por meio dos resultados de pesquisa apresentados neste texto, decorrentes da análise da configuração textual, constata-se que a cartilha *Na roça*, de Renato Sêneca Fleury, representa a proposta de "aplicação prática" do método "misto" para o ensino da leitura e escrita no "terceiro momento crucial" na história da alfabetização no Brasil, conforme proposto por Mortatti (2000). Constata-se ainda que, com a publicação dessa cartilha, o autor contribuiu significativamente para a ruralização do ensino primário, fator que permeava principalmente as discussões políticas, nesse momento histórico.

Considero que os resultados apresentados neste texto vêm confirmar a relevância e pertinência tanto de pesquisas históricas sobre alfabetização no Brasil, quanto de estudos pontuais como esse que venho desenvolvendo e como os dos demais integrantes do Gphellb.

### **Referências**

BERTOLETTI, Estela Natalina Montovani. *Cartilha do povo e Upa, cavalinho!:* o projeto de alfabetização de Lourenço Filho. 1997. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Marília. 1997.

\_\_\_\_\_. *Lourenço Filho e a alfabetização:* um estudo de *Cartilha do Povo* e da cartilha *Upa, cavalinho!* São Paulo: Editora Unesp, 2006.

DONATO, Hernâni. *100 anos da Melhoramentos:* 1890-1990. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

FLEURY, Renato Sêneca. *Na roça:* cartilha rural para alfabetização rápida. 25. ed. São Paulo: Melhoramentos, [194-?].

GRISI, Rafael. O ensino da leitura: o método e a cartilha. *Educação*, São Paulo, v.32, 36-90, 1946. (Separata da revista *Educação*)

GROHMANN, Marta Miquelina. *Informações sobre Renato Sêneca Fleury* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por , em 5 ago. 2008.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo, 2005.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstöm. *Testes ABC: para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita*. São Paulo: Melhoramentos, 1934.

MELO, Luis Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Irmão Andriolis, 1954. (Comissão do VI Centenário da cidade de São Paulo).

MENDONÇA, Sônia Regina de. *O ruralismo brasileiro (1888-1931)*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

MESSEMBERG, Cyntia Grizzo. *Um estudo sobre **Na roça**: cartilha rural para alfabetização rápida (1935), de Renato Sêneca Fleury*. 2008. 78f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Bibliografia de e sobre Renato Sêneca Fleury (1895-1980): um instrumento de pesquisa*. Marília, São Paulo, 2008b. (Digitado).

MOMENTOS DO LIVRO NO BRASIL. São Paulo: Editora Ática, 1998.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo - 1876/1994* São Paulo: Editora Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_. *Ensino de língua e literatura no Brasil: repertório documental republicano*. Marília, 2003. (Digitado).

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda. (EPU); Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1974.

PINTO JUNIOR, Arnaldo. *A invenção de "Manchester Paulista": embates culturais em Sorocaba (1903-1914)*. 2003. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2003. Disponível em: . Acesso em 05/06/2008.

POLIANTÉIA comemorativa do 1º. centenário do Ensino Normal de São Paulo. São Paulo: Gráfica Brescia, 1946.

SILVA, Ruth Ivoty Torres da. *A escola primária rural*. 2. ed. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Editora Globo, 1957. Biblioteca vida e educação. vol. 10.

---

[1] De acordo com a autora, em nota de seu livro (p. 38), o adjetivo crucial foi utilizado nos seus dois sentidos: enquanto representação do "[...] entrecruzamento de sentidos históricos", considerando as disputas relativas aos métodos de alfabetização dos momentos anteriores; e decisivo "[...] no âmbito da relação dialética entre continuidade e descontinuidade".

[2] Pelo fato da cartilha ser destinada, especialmente, à alfabetização de crianças da zona rural, o principal objetivo nesse tópico é o de estabelecer uma breve relação entre a cartilha e o ensino primário na modalidade rural. Por esse motivo,

apesar de ater-me especificamente a este ensino, destaco que estavam ocorrendo mudanças nos outros níveis e modalidades de ensino, os quais não cabem o aprofundamento neste texto.

---

[1] Até o encerramento da redação deste texto, não foi possível localizar a data desse segundo casamento de Renato Sêneca Fleury.

[2] Atualmente, a editora Melhoramentos faz parte da Companhia Melhoramentos. O endereço eletrônico da página que está disponível *on-line* é: <http://www.melhoramentos.com.br/>. Acesso em 20/10/2008.

---

[1] Segundo Grisi (1946: 3-4, grifos do autor), os métodos de alfabetização são divididos em três tipos, assim caracterizados: "**Método sintético** - Considerado historicamente como o primeiro - é o que consiste no ensino ou aprendizado da leitura e da escrita segundo a ordem de complexidade crescente do material gráfico, a partir dos 'elementos' alfabéticos. [...] **Método analítico** - É o que consiste no ensino ou aprendizado da leitura e da escrita segundo a ordem de decomposição progressiva do material, a partir portanto de 'todos' gráficos, isto é, sentenças ou palavras. [...] **Método misto ou analítico-sintético** - [...] tende a reunir as simpatias gerais. Teoricamente, duas são as suas modalidades: a primeira consiste no ensino prévio das letras ou sílabas, seguido imediatamente de suas combinações em palavras e sentenças; a segunda, na apresentação de frases e vocábulos que são imediatamente decompostos em sílabas e letras."

---

[1] A partir daqui quando for me referir à cartilha, em questão, não utilizarei o seu título completo, a fim de não estender o texto e para que essa informação não fique repetitiva. Quando me referir à cartilha, então, utilizarei o título *Na roça* e suprimirei o subtítulo "cartilha rural para alfabetização rápida".

[2] Da utilização desses procedimentos, resultou, também, um instrumento de pesquisa no qual se encontram reunidas 103 referências de textos. Desse total: 86 são referências de textos escritos por Renato Sêneca Fleury, considerando as diferentes edições de um mesmo título; e 17 são referências de textos de outros autores, com menções a Fleury, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus. (Messenberg, 2008b). Esse instrumento de pesquisa vem sendo ampliado em continuidade à pesquisa de iniciação científica, totalizando, atualmente, 130 referências de textos. Desse total: 107 são referências de textos escritos por esse educador, considerando as diferentes edições de um mesmo título; e 23 são referências de textos de outros autores, com menções a Fleury, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus.

[3] Na indicação das referências de Grohmann 2008, não apresento os números das páginas, pois se trata de trecho extraído de mensagem eletrônica que essa sobrinha bisneta de Fleury me enviou.

---

[1] Em funcionamento desde 1994 e cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil - CNPq; certificado pela UNESP.